



RESUMO

Este artigo objetiva contribuir para pesquisas inerentes a associação psicoterápica e psicofarmacológica, para amenizar o sofrimento psicopatológico. A finalidade principal desta construção é ter uma explicação dessa junção. Explicitando os pontos positivos e negativos, ou seja, há uma resolutividade muito satisfatória, nessa combinação fármacos e psicoterapias, porém há efeitos negativos sendo os casos de efeitos colaterais que provocam patologias que prejudicam o sistema nervoso central (SNC). E há profissionais que entendem que os benefícios são maiores em relação aos pontos positivos, outros não acham muito preciosa essa junção. Diante das descobertas científicas é necessário que o profissional estude e analise caso a caso, compreendendo a necessidade do caso.

Palavras-chave: Psicoterapia, Psicofarmacologia, Psicopatologia, Sofrimento.

ABSTRACT

This article aims to contribute to research inherent to the association of psychotherapy and psychopharmacology, to alleviate psychopathological suffering. The main thing about this construction is to have an explanation of this junction. Explaining the positive and negative points, that is, there is a very satisfactory resolution in this combination of drugs and psychotherapies. Still, there are adverse effects in the cases of side effects that cause pathologies that damage the central nervous system (CNS). Furthermore, some professionals understand that the benefits are more significant than the positive points; others do not find this combination very precious. Because of scientific discoveries, the professional must study and analyze each case, understanding the necessity of the case.

Keywords: Psychotherapy, Psychopharmacology, psychopathological, suffering.

¹ Acadêmica de Psicologia da Faculdade Estácio de Ji-Paraná- Estácio Unijipa.

² Orientador, professor no Centro Universitário Estácio de Ji-Paraná- Estácio Unijipa. Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR,

Autor de correspondência

Maria José Francisca de Paula de Souza - mariajose9eronaldo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na atualidade, presenciamos um novo fluir na perspectiva científica, quando se trata do campo de engajamento da psicologia e da psiquiatria, ou seja, com um olhar atencioso voltado ao comprometimento e compreensão de uma junção objetiva com o foco em obter um resultado eficaz. O empenho que tem, se desenrolado nesse ínterim, se adequa de forma substancial na saúde mental, por se tratar de um trabalho ambientado; os psicoterapeutas e psiquiatras têm dado uma atenção respeitosa acerca do uso dos fármacos coligados a psicoterapia.

Há dois meios divergentes inerentes a psicoterapia e uso de psicofármaco, a qual tem proporcionado um atendimento combinado com propósito de melhor resolutividade ao indivíduo, e contudo, levando os psicoterapeutas e psiquiatras a terem um senso de integralidade, juntamente com o indivíduo, criando parâmetros clínicos, dentro da conduta e ética em condução de livre-arbítrio, ou seja, levando o indivíduo a autonomia de compreensão da necessidade da associação dos fármacos com a psicoterapia por se tratar do grau das recaídas ansioso-depressivas. Muitos profissionais, têm esse viés como uma intervenção proveitosa e importante, por entender que a medicalização proporciona um resultado satisfatório em associação com a psicoterapia, diminuindo o sofrimento mental do indivíduo, e muitas vezes sendo primordial ao

combate a algum tipo de psicopatologia; por outro lado surgem-se outros conflitos, que apesar de trazer diminuição no sofrimento proporcionado, ao indivíduo, traz consigo outro sobrepujar os efeitos colaterais; e algumas ainda podendo afetar o Sistema Nervoso Central (SNC)¹.

Os psicoativos, e os ansiolíticos têm sido muito presentes dentro dessa nova concepção com a presunção de comedimento dos distúrbios mentais. Mas essa fusão é entendida no âmbito profissional, como um meio de amenizar a dor do indivíduo, nos casos de repugnâncias. Esse novo pulsar volta a interpretar os distúrbios mentais; as autoridades têm defendido os usos congruentes dos psicofármacos associados aos tratamentos psicoterapêuticos. Mas, com atuação de conscientização, orientação e a aceitação do indivíduo, principalmente por haver históricos de apanhados da Organização Mundial de Saúde (OMS).

E no levantamento desses dados da (OMS) apontavam para 50% de medicamentos desordenadamente recebidos. Portanto, o campo da Saúde Mental passou por mudanças importantíssimas no decorrer da promulgação da Lei 10.216 de 2001. E entre meios a Políticas Públicas em Saúde, por meio da Portaria no 5. 088 de 23 de dezembro, a Rede de Atenção Psicossocial² foi gerada com intuito de auxílio para população com sofrimento psíquico ou transtorno mental. Contudo diante dos altos há uma fragmentação, há alguns profissionais que entende uma eficácia da medicalização

juntamente com psicoterapia, outros não veem com bons olhos.

Diante dessas mudanças e descobertas científicas, o que se percebe na eficácia da junção da psicoterapia e farmacologia? Nota-se um resultado satisfatório, nos Transtornos Mentais, a presença de resultados excelentes e eficácia em menor tempo. Mas, por outro lado, há deficiências inerentes aos efeitos colaterais. Por prognóstico de casos de Transtornos Mentais graves se necessita de condutas emergentes associadas. Dentro do contexto terapêutico, o psicólogo juntamente com indivíduo tem um objetivo explanador, desvendar os por menores de um desenrolar da história de vida e todos que permeiam aquela “história” envolvendo o paciente em atuação ética e profissional sem imposições, possibilitando uma efetividade terapêutica².

Em questionamentos verificam-se algumas informações cabíveis, ou seja, aquelas que permitem o psicólogo ou profissional compreender que em casos específicos a psicoterapia de forma individual não traz um resultado expressivo. A psicofármaco alivia indícios rapidamente, mas traz consigo desconforto físico, se administrado de forma prolongada, contudo, ter coerência e estudar caso a caso, com atenção focalizada nos progressos e resultados do paciente semanalmente.

EVIDÊNCIAS POSITIVAS DA ASSOCIAÇÃO DA FARMACOLOGIA E PSICOTERAPIA

[...] Em relação ao transtorno depressivo maior (TDM), um dos transtornos psiquiátricos mais diagnosticados e tratados, há provavelmente a maior base de evidências de estudos concluídos relativos à psicoterapia, à psicofarmacologia e ao tratamento integrado (PFPT). [...] A maior gravidade do TDM provavelmente justifica mais a utilização de medicamentos antidepressivos. Sintomas leves ou moderados poderiam ser tratados por psicoterapia e/ou psicofarmacologia independente. [...] pacientes com TDM que sofreram trauma ou abuso na infância responderão preferencialmente à psicoterapia associada a um antidepressivo³.

Visto que a eficácia dessa associação é observada e referenciada a informações entre psiquiatra, terapeuta e paciente, considerando os resultados proeminentes em períodos relativamente curtos. Alguns estudos científicos trouxeram à “luz” a eficácia da associação de antidepressivos como a nefazodona e a terapia de análise cognitiva e comportamental TCC, trazendo uma resolutividade muito maior e mais eficaz do que qualquer tipo de procedimento sozinho.

EVIDÊNCIAS NEGATIVAS DA ASSOCIAÇÃO DA FARMACOLOGIA E PSICOTERAPIA

Como toda e qualquer modalidade científica tem os seus pontos positivos e negativos, a psicoterapia e psicofarmacologia também não é diferente. Apesar dos estudos mostrarem uma excepcional resolutividade; também aportamos em resultados negativos concernentes à efeitos colaterais:

Esse tipo de achado sugere que alterações neuronais e neuroanatômicas do cérebro podem ocorrer com as modalidades medicamentosa e psicoterápica. Há claramente alguma sobreposição dessas alterações neurofuncionais, independentemente da modalidade utilizada, sugerindo que a PFP integrada deve permitir que efeitos cumulativos e curativos do sistema nervoso central (SNC) ocorram. Existem igualmente algumas diferenças nos efeitos [...]. Outros estudos também dão suporte a noção de que a psicoterapia e psicofarmacologia afetam a função cerebral de formas sobrepostas, bem como independentes, dependendo do transtorno psiquiátrico.³

O apresentado, conota que as alterações cerebrais podem trazer consequências aos pacientes, uma vez que se as duas formas de tratamento não estiverem bem alinhadas podem seguir caminhos diferentes fazendo com que o paciente, não alcance os resultados esperados visando sua melhor qualidade de vida. Para tanto vale sempre ressaltar que psicoterapeuta

e psiquiatra devem estar sempre sintonia para a melhor resolutividade do tratamento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Concerne-se em uma aquisição integrativas com a perspectiva de busca de livre de acesso empregando o PubMed, BVS Psi, ScieLO, American College of Physicians e revistas MEDLINE, Google Acadêmico inerentes a assuntos referente a associação dos Fármacos junto a Psicoterapia. Desfrutando de informações metodológicas em resumos e artigos científicos, os quais proporcionaram acréscimo no conhecimento da prática e da aplicabilidade. A revisão literária foi executada em abril de 2021.

A intenção deste estudo é examinar os benefícios da associação dos fármacos junto à psicoterapia e observando a coeficiente nas características da inibição do transtorno mental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As explorações originaram uma somatória de 25 resultados, mas que foi positivo no auxílio de construção, após o folheio e observações de conteúdos restaram apenas 06 artigos que preencheram os critérios para os quais abordavam assuntos inerentes à pesquisa em questão.

Dentro de um viés ainda contraditório, o que se percebe nessa junção psicoterapia e farmacologia é o bom senso do profissional;

tendo o paciente como um indivíduo importante, ou seja, levando em consideração a sua dor, seu sofrimento buscando sempre as medidas em função de um diagnóstico humanizado; o que se aplica a intensidade do transtorno mental, daquele indivíduo em particular; tendo um “olhar” atento e perceptivo a obtenção dos efeitos; se há uma amenização dos temores das fantasias e/ou dos quadros depressivos. E em contrapartida também vale a observância se a evidências de efeitos colaterais e buscando compreender até que ponto está sendo satisfatório, a conversação entre profissionais psiquiatras e psicoterapeutas podem ser muito satisfatória a inerência de um potencial resultado.

Pois é cientes que os profissionais de psicoterapias e psicanalistas em atuação estejam sempre em alertas em suas práticas, pois apesar da facilitação da análise é imprescindível estar prontos a esclarecimentos de possíveis dúvidas em que o indivíduo possa suscitar.

CONCLUSÃO

A pesquisa desvendou algumas contradições que permeiam a junção da terapia e psicofarmacologia. Essa casadinha tem uma efetividade satisfatória quando há uma interrelação psicoterapêutica e psiquiátrica; cada um respeitando, seus nuances profissionais e principalmente o indivíduo em questão. Pois o tratamento é constituído através de várias vertentes que chega a um ponto comum, ou

seja, o propósito da associação psicoterapia e medicalização é trazer qualidade de vida ao indivíduo amenizando o sofrimento psíquico.

Dentro da inerência do assunto observa-se que muitos psicólogos têm uma percepção positiva da associação farmacológica com a psicoterapia, evidenciando a eficácia da resolutividade diminuindo a comorbidade em relação ao transtorno mental, porém outro grupo não vê como uma boa junção, a psicoterapia e a farmacologia. Mas, vemos que as descobertas científicas explanaram traços satisfatórios se tratando de medicalização e terapias no caso de TDM, houve uma efetividade satisfatória no associado de nefazodona com a TCC, um antidepressivo mostrando um resultado que não é expressivo quando realizado sozinho.

REFERÊNCIAS

- 1 Azevedo CBF, Fagundes JA, Pinheiro ÂFS. Psicoterapia e psicofarmacologia: a percepção de psicólogos. *Fractal: Revista de Psicologia*, [S.L.], v. 30, n. 2, p. 281-290, 19 jul. 2018. Pro Reitoria de Pesquisa, Pos Graduacao e Inovacao - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5568>.
- 2 Damasceno MR et al. Dinâmica de uso de psicofármacos e a relação com a psicoterapia psicanalítica na interface da saúde mental: uma revisão integrativa. *Journal of Human Growth and Development*, v. 29, n. 2, pág. 274-283, 2019.
- 3 Oliveira IR de, Schwartz T, Stahl SM. Integrando psicoterapia e psicofarmacologia: manual para clínicos. ABP Associação Brasileira de Psiquiatria Porto Alegre: Artmed Editora, 2015.

Observação: os/(as) autores/(as) declaram não existir conflitos de interesses de qualquer natureza.